

PERFIL

11 anos sem *Il Padrone* Frank Sinatra

Lá se vão 11 anos desde que Frankie "Blue Eyes" se foi, completados na quinta-feira, 14 de maio. Ele estava com 82 anos, uma idade que, no imaginário coletivo, jamais chegou perto de ter. O que é bastante compreensível. Toda vez que se ouve uma melodia qualquer sendo entoada pela voz de Sinatra, potente e de traços premeditadamente sedutores, quase sacanas, é o estereótipo de galã que vem à memória. Símbolo da masculinidade, personificação do macho fosse cantando uma balada romântica, o hino *Theme From New York, New York*, dançando em um musical tolo ou interpretando a mais dramática das cenas.

Mas este Sinatra idealizado até os dias de hoje esconde algumas das facetas mais interessantes de sua verdadeira persona. O que havia por debaixo daquela vestimenta impecável – gostava de usar colete, terno oxford escuro de corte tradicional forrado de seda, sapatos britânicos, chapéu e, o que muitos não sabem, uma peruca negra para esconder a calvície – vai de encontro à ideia de tipo ideal, relativiza a aura de superhomem do *show bizz* e devolve um pouco da humanidade daquele garoto oriundo do subúrbio de Nova Jersey, nos Estados Unidos.

Francis Albert Sinatra nasceu em 12 de dezembro de 1915. Seu pai era um imigrante italiano baixinho e tatuado, vindo da Sicília, que foi tentar a vida como lutador de boxe ao melhor estilo Rocky Balboa. Lutava sob o nome de Marty O'Brien, já que os irlandeses dominavam as esferas inferiores da sociedade norte-americana à época, mas acabou bombeiro graças à esposa, Dolly Sinatra, uma matrona corpulenta que possuía uma incrível entrada junto ao Partido Democrático, poder político que se explicava pelo controle sobre o voto dos italianos no distrito de Hoboken – fruto, segundo se sabe, também pela casa clandestina de abortos que ad-

ministrava. No começo da carreira, foi a própria mãe Dolly quem, com seu prestígio local, conseguia impulsionar Frank na vida artística. Primeiro, ela convenceu o grupo vocal *The Three Flashes*, a aceitá-lo. Depois, garantiu um emprego como cantor e mestre de cerimônia na casa noturna Rustic Cabin, de New Jersey.

Mesmo no auge da "sinatromania", durante a década de 1940, e por toda a vida, Frank jamais esqueceu suas raízes e sempre preservou os amigos de confiança. No período do fascismo italiano, durante a Segunda Guerra, ele se transformou em uma espécie de defensor de seus compatriotas caluniados na América. Conforme notou o jornalista Guy Talese em uma conhecida reportagem sobre o cantor, onde quer que Sinatra estivesse, e por mais elegante que fosse o lugar, havia sempre um clima de subúrbio, uma vez que por mais alto que ele houvesse chegado, seguia um garoto suburbano, com a diferença de que podia levar o bairro consigo.

Fosse no Jilly's, o lugar onde Frank Sinatra bebia quando estava em Nova York, ou qualquer outro restaurante, havia sempre um séquito o acompanhando. Durante a década de 1960, após a saída da falência com o filme e o Oscar por *A Um Passo da Eternidade* (Fred Zinnemann, 1953) e o triunfal retorno ao topo, ele estava comprometido com tantas coisas

distintas – produtora de cinema, gravadora musical, títulos imobiliários – e envolvido com tanta gente que seu staff pessoal era de aproximadamente 75 pessoas.

Algumas dessas atividades, entre elas com a indústria do jogo em Nevada, aliados ao seu comportamento, o fizeram vítima da suspeita de envolvimento com a máfia. A desconfiança virou investigação do FBI, levada a cabo por quase 50 anos e que foi documentada em

um compêndio de 2,4

mil páginas. Não é por nada que Sinatra era conhecido como *Il Padrone* e acabou sendo inspiração para o personagem Johnny Fontane de *O Poderoso Chefe* (Francis Ford Coppola, 1972).

Fato é que seu comportamento beirava a bipolaridade. Quase sempre, era um homem extremamente educado e generoso, daqueles que não esquece o nome de ninguém e é capaz de gestos improváveis. Não se tratava de mais um ricoço com aptidão para assinar cheques, mas um homem, como dizem, à moda antiga, que fazia as coisas *pessoalmente*. Como quando a casa de um músico amigo foi destruída por um deslizamento de terra, provocando a morte

de sua esposa, e Frank em pessoa procurou outra casa para ele e envolveu-se com a escolha da nova mobília, ou quando o ator Bela Lugosi morreu completamente falido e ele, quase secretamente, responsabilizou-se por todo o funeral. Mas este mesmo homem podia também explodir a qualquer segundo em um terrível acesso de intolerância desencadeado pelo mais banal dos motivos. Um cachorro-queimado trazido por engano com ketchup (que detestava), botas calçadas inapropriadamente ou com alguma combinação que julgava extravagante, qualquer bobagem podia tirá-lo do sério. Ele era *Il Padrone*.

Com tanta emoção à flor da pele, não é de se estranhar que Sinatra tenha experimentado uma vida amorosa intensa. Foi casado três vezes: primeiro com Nancy Barbato, que lhe deu seus três filhos, e depois ficou seis anos com Ava Gardner e dois com Mia Farrow, até sossegar-se ao lado de Barbara Marx, com quem passou seus últimos 22 anos. Mas apesar dos muitos relacionamentos estáveis, todos os registros atestam que ele sempre teve um estilo de vida de solteiro. Afinal, a fama do Sinatra conquistador e fenótipo de macho ideal não pode mesmo ter surgido à toa.



Algumas curiosidades sobre Sinatra

- Usava peruca, e possuía uma coleção de dezenas delas
- Possuía uma rixa notória com Marlon Brando, que o chamava de "Sr. Carequinha"
- Há 24 filmes biográficos e 27 biografias escritas publicadas sobre ele
- Atuou em mais de 60 filmes e produções ficcionais para a TV
- Dirigiu um filme, *Os Bravos Morrem Lutando*, de 1965
- Ganhou um Oscar de melhor ator coadjuvante por *A Um Passo da Eternidade*, de 1953, pelo qual ganhou 8 mil dólares como cachê
- Vendeu mais de 250 milhões de discos pelo mundo
- Todos os filmes que produziu deram lucro

Gestão de Talentos

Gestão e Docência Universitária

Gestão Empreendedora

Pós-Graduação

MBA

ftec | educação executiva e pós-graduação

0800 606 0 606

www.ftec.com.br

